



Órfãos de espaço¹

Space orphans

Huérfanos del espacio

Jader Janer Moreira Lopes²

Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/Minas Gerais, Brasil

Sara Rodrigues Vieira de Paula³

Doutoranda pela Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora/Minas Gerais, Brasil

Recebido em: 14/02/2022

Aceito em: 07/03/2022

Resumo

Esse artigo fala sobre órfãos, sobre pessoas órfãs. Há muitas formas dos seres humanos, em suas variadas idades, receberem esse vocábulo e, nesse movimento, ser substantivo e adjetivo em vida, gestados pelas perdas. Aqui, vamos abordar um tipo específico que se faz em orfandade: a do espaço. A perda do espaço é, também, uma forma de desamparo do humano. Fundamentando nossos trabalhos e reflexões no campo de estudos da Geografia da Infância e nos postulados da Teoria Histórico-Cultural, sobretudo, no conceito de vivência (*perejivanie*) e a partir de narrativas orais, escritas ou em forma de imagens, descrevemos essa condição, que tem origem em muitas situações presentes no mundo, desde conflitos até crises ambientais e sanitárias. É sobre esses espaços perdidos e as vivências daqueles que os perderam o tema a que este texto se debruça.

Palavras-chave: Vivência Espacial (*prostranstvennoe perejivanie*). Órfãos de Espaço. Geografia da Infância.

Abstract

This article is about orphans, about orphaned people. There are many ways for humans, at their various ages, to receive this word and, in this movement, to be substantive and adjective in life, gestated by losses. Here, we are going to address a specific type that is made in orphanage: from space. The loss of space is also a form of human helplessness. Basing our work and reflections in the field of studies of the Geography of Childhood and in the postulates of the Historical-Cultural Theory, above all, in the concept of experience (*perejivanie*) and from oral narratives, written or in the form of images, we describe this condition, which has origin in many situations present in the world, from conflicts to environmental and health crises. It is on these lost spaces and the experiences of those who lost them that this text focuses.

¹ Esse texto é parte de um projeto maior que está em desenvolvimento e consiste na produção de um livro, de mesmo nome, com relatos de pessoas que vivenciaram perdas de espaços em suas vidas.

² jjanergeo@gmail.com

³ saravpaula@gmail.com

Keywords: Space Experience (*prostranstvennoe perejivanie*). Space Orphans. Childhood Geography.

Resumen

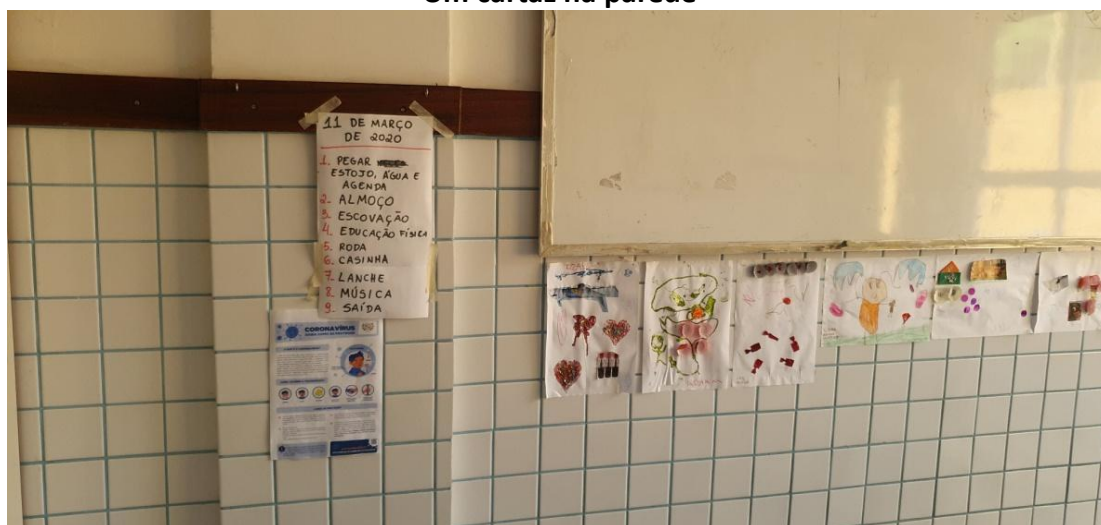
Este artículo trata sobre huérfanos, sobre personas huérfanas. Hay muchas maneras para los humanos, en sus diversas edades, de recibir esta palabra y, en este movimiento, de ser sustantivo y adjetivo en la vida, gestada por las pérdidas. Aquí vamos a abordar un tipo específico que se hace en el orfanato: el del espacio. La pérdida de espacio es también una forma de desamparo humano. Basando nuestro trabajo y reflexiones en el campo de estudios de la Geografía de la Infancia y en los postulados de la Teoría Histórico-Cultural, sobre todo, en el concepto de experiencia (*perejivanie*) y desde las narraciones orales, escritas o en forma de imágenes, describimos esta condición, que tiene origen en muchas situaciones presentes en el mundo, desde conflictos hasta crisis ambientales y de salud. Es en estos espacios perdidos y en las experiencias de quienes los perdieron que se enfoca este texto.

Palabras clave: Experiencia espacial (*prostranstvennoe perejivanie*). Huérfanos espaciales. Geografía de la infancia.

Órfãos

Órfão. [Do gr. Orphanós, pelo lat. Orphanu.] Adj. **1.** Que perdeu seus pais ou um deles. **2.** Que perdeu um protetor. **3.** Fig. Abandonado, desamparado, privado: órfão de carinhos. **4.** Fig. Desprovido, falto: órfão de um bom senso. S.m. **5.** Aquele que ficou órfão. [Flex.: órfã, órfãos, órfãs.] (FERREIRA, [s.d.], p. 1005).

Figura 1
Um cartaz na parede



Fonte: (SOUZA, 2021, p. 198)

A fotografia acima, que tem como título “Um cartaz na parede” (Figura 1), foi tirada no dia 11 de março de 2021 em um espaço de Educação Infantil, localizado na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Abaixo, Caroline Silva Gomes de Souza, professora na Educação Infantil, nos narra suas vivências a partir da imagem:

Iniciamos março de 2020 com crianças e adultos animados para mais um ano que começava. Eu e minha dupla de trabalho fomos à escola dias antes das crianças para, entre outras coisas, organizar o espaço e planejar nossos primeiros momentos juntas. A sala onde receberíamos a turma foi arrumada, alguns brinquedos, móveis e materiais posicionados e conversamos sobre possibilidades das crianças ocuparem e mudarem tudo, de forma a construir uma sala realmente daquela turma. Mas a escola não se resume à sala, então começamos a pensar nas possibilidades dos espaços variados da escola: o pátio azul, o pátio de tijolinhos, o brinquedão e o brinquedinho, a sala de música, o refeitório, a sala de artes, a secretaria, a sala da direção, o pomar, a horta, o beco onde moram a Cuca, a Bruxa e o Lobo, a piscina do Ensino Fundamental - que causa animação e ansiedade pelo verão -, a tamarineira - onde encontrávamos sombra, frescor, espaço para brincar e muito tamarindos para colecionar e levar para casa - o campus do Ensino Médio, onde as crianças gostam de desvendar mistérios e é cheio de adolescentes que elas gostam tanto de encontrar. A escola é um mundo inteiro e estávamos ansiosas para vivê-lo. E na segunda semana de março, poucos dias depois das crianças chegarem, quando não havíamos visitado nem a terça parte do espaço que nos esperava, um vírus decretou nossa saída. O vírus que nos levou pessoas, também nossa capacidade de ocupar e vivenciar espaços. De uma hora para a outra estávamos todos presos em casa e nosso contato com as crianças foi, inicialmente, cortado, pois nem sabíamos o que fazer. Aos poucos, fomos encontrando brechas para nos comunicar, para vivenciar alguma coisa juntas. Conseguimos nos entender como turma, conseguimos conhecer muito das crianças e nos deixar conhecer. Conseguimos construir vínculos e conhecimento juntos. Mas os espaços não nos foram devolvidos e ainda fazem muita falta. Constantemente nós nos encontrávamos nas telas - algumas maiores, algumas menores; algumas definidas, outras embaçadas; algumas por mais, outras por menos tempo. Brincamos, conversamos, pulamos, jogamos, cantamos, dançamos, rimos e choramos. Mas o espaço sempre foi uma das coisas que mais nos faziam falta. A confusão entre casa, escola e local de trabalho da família formava um complicado quebra-cabeça para ser resolvido. As pequenas telas, que não permitia que nos víssemos por inteiro, os microfones que falhavam e as teclas de levantar a mão para marcar a ordem da fala nos encontros não permitiam que as vozes e os corpos das crianças ocupassem os espaços por inteiro. As crianças brincavam, os adultos tentavam seguir, mas todos nós sempre falávamos de nossa vontade de voltar à escola de verdade. (narrativa escrita de Caroline Silva Gomes de Souza, professora na Educação Infantil, 12 de janeiro de 2022)

No dia em que a foto foi tirada (Figura 1), em uma quinta-feira, o Brasil chegava à trágica marca de 273.124 óbitos por causa do novo coronavírus (BRASIL..., 2021). Quando escrevemos este texto, em 14 de janeiro de 2022, já perdemos, em nosso país, 620.847 vidas para a Covid-19 (BRASIL..., 2022). No mundo todo são 5,4 milhões de mortes (CASOS..., 2022).

E foi a partir dessa condição calamitosa que se abateu sobre o planeta – e no Brasil, associada às condições socioeconômicas da população e políticas que vivemos –, que um relato chegou até nós. Uma descrição da perda de um ente familiar, cuja vida foi ceifada pelas complicações corporais geradas pela infecção do vírus SARS-CoV-2, mas também pelas políticas públicas de enfrentamento da pandemia em nosso território. No relato, a morte é acompanhada por outra condição:

O meu avô morreu de Covid. Ia quase todos dos dias na casa dele. Quando começou a pandemia não fui mais. A gente tinha que ficar distante. Mas ele morreu. O apartamento foi desmontado. Não mais existe. É triste não ter mais a casa dele para voltar. (narrativa oral de um estudante, 18 de maio, 2021)⁴.

⁴ Acompanhando os princípios éticos de se fazer pesquisa em Ciências Humanas, o uso dos nomes ou de codinomes – ou o

Como nos diz Lopes (2021), nossas narrativas se constroem a partir dos espaços, nossa biografia é também espacial. Assim, a perda do espaço de vida também forja a nossa vivência espacial (em russo *prostranstvennoe perejivanie*)⁵. O espaço perdido constitui nossa vida. Talvez também a nossa morte. A vivência espacial abarca a presença, a ausência, a fugacidade do encontro, a saudade...

[...] o que vale é a intensidade da vida no espaço da vida, pois a existência dos seres e das coisas tem temporalidades diferentes. Uma das tragédias (e tristezas) da modernidade é ter dado tanto foco a um tipo de tempo, o cronológico, que fez com que as diferenças temporais, uma das generosidades do existir, nos façam sofrer, ao gerarem os desencontros. [como se todos os tempos do existir fossem ter a mesma cronologia] (LOPES, 2021, p. 39).

Este texto fala de vida, de morte, de existir, de perdas, de sentimentos e de outras coisas, tudo que envolve esse ser humano que somos e tem como composição que une essas diferentes pessoas às suas vivências espaciais. Ele tem sua origem em relatos e conversas, em imagens e escrituras, em situações expressivas de linguagens que surgem intensamente na paisagem, que com suas diferentes ressonâncias, reverberam nos territórios do planeta, pois nenhum evento histórico, mesmo que em escala global, ao se espacializar, se faz de forma igual. No existir como ser linguageiro – que precede a nossa origem, que nos humaniza nas relações, que nos coloca cientes de nosso ser e estar, que nos liberta e nos aprisiona –, está esse espaço que nos acolhe como uma em suas contradições, em suas muitas paisagens, em suas dessemelhanças, que são distinções e atitudes para com o humano em fronteira do viver e como fronteira, é gestação de eus, de nós.

Desde a declaração de Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), no dia 11 de março de 2020, a pandemia colocou o espaço em evidência. Ele passou a ter a força da contenção, de nós e do vírus. Um paradoxo do existir, para garantir a vida, o território e seu confinamento foram acionados. A foto que abre nosso texto não foi escolhida aleatoriamente, mas por sua potência imagética, histórica, geográfica e social. Ela foi tirada, exatamente, um ano depois dessa declaração, e o cartaz afixado na parede é a expressão do tempo congelado nesse espaço, foi o dia que tanto a professora quanto as crianças deixaram esse local, na esperança que retornariam em breve. O que não aconteceu. Passado um ano, o espaço é um documento do instante. Claro que sofreu mudanças

seu não uso – seguiram os desejos das pessoas que nos enviaram e autorizaram o uso das narrativas. Os termos que envolvem as pesquisas em nosso grupo estão nos arquivos do Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância – GRUPEGI/CNPq.

⁵Tradução do conceito por George Yurievitch Ribeiro. Vamos nos dedicar a inserir a expressão em russo nos diversos textos que abordam tal conceito pelo fato de que sua origem está nesse idioma e na expressão sistematizada por L.S. Vigotski, a qual nos devotamos a estudar em nossas pesquisas. É, assim, um princípio ético com esse autor, além de, claro, também nossa escolha para olhar esse vocábulo forjado por ele. Com isso, o recorte espacial, por mais que pareça uma expansão ou um recorte é, sobretudo, uma dimensão dentro da unidade sistêmica e social que o termo *perejivanie* nos leva. Falamos assim em *пространственное переживание* (*prostranstvennoe perejivanie*).

das intempéries naturais e humanas, muitas vezes sutilmente desperdiçadas e despercebidas pelos olhos, sobretudo dos adultos, só os bebês e as crianças pequenas possuem essa força de olhar e resgatar o micro. É uma foto do espaço, é uma fatia no tempo, é a vida em paisagem.

Muito tem se falado sobre o confinamento espacial a que fomos submetidos. Ao fato de adultos, crianças e bebês terem que ficar em casa, em suas moradias. Mas pouco tem se falado de algumas dimensões que envolvem a vivência espacial das pessoas, sobretudo aquelas esquecidas e que são desmemoriadas em muitas políticas oficiais. Como ficar em casa para aqueles que não têm casa? Como ficar em casa para aqueles que têm precárias condições de residência? Em que várias pessoas ocupam, muitas vezes, um ou dois cômodos? Como ficar em casa aqueles que são obrigados pelas relações do capital a não ficarem em casa? Quando a história chega ao chão e se faz em geografias, as diferenças gritam forte na paisagem e esgarçam as violências e contradições sociais. E, com isso, é possível ouvir diferenciados apelos e, entre esses, muitos ficam abandonados. Aqui, poderíamos continuar listando diversos deles, na lista caberiam muitas vozes ocultadas, mas vamos focar em um: os que chamaremos de “espaços perdidos”.

Esse é um artigo sobre a vivência espacial, sobre quando a vida humana é compreendida por sua espacialização. Essa tem sido nossa temática de pesquisas nesses muitos anos de trabalho, em uma área de temos chamado de Geografia da Infância⁶ (LOPES; VASCONCELLOS, 2005). E, aqui, nossa escolha é sobre esses espaços perdidos. A conjunção da palavra pode soar ampla e vaga, mas recolhemos relatos de pessoas sobre espaços que se tornaram ausentes em suas vidas. Perdas! Para ficar mais claro a expressão elegida para nossas enunciações, podemos dizer que é um texto sobre pessoas órfãs, sobre **órfãos de espaço**.

Vivência espacial, a infância no espaço e os espaços perdidos

Perda(ê). [Do lat. perdita, ‘perdida’, atr. de uma f. erudita *perdeda, com haplologia.] S.f. 1. Ato ou efeito de perder. 2. Privação de alguma coisa que se possuía: perda de fortuna, de propriedade. 3. Privação de presença de alguém; ausência, falta, desaparecimento: a perda de um colaborador, de um chefe. 4. P. ext. Morte, falecimento, desaparecimento: Doeuihe fundo a perda do amigo. 5. Extravio, sumiço: a perda de documentos de uma quantia. 6. Destruição, ruína, aniquilamento: a perda de vida material. 7. O ato ou fato de deixar de ganhar: a perda de uma batalha, de um jogo, de uma oportunidade. 8. Decréscimo, diminuição: perda de velocidade, de altura. 9. Danação, perdição: a perda de uma alma. [Sin. (nessas acepç.): perda]. 10. Av. e Aerom. Estol. ◊ Perdas e danos. Prejuízos sofridos pelo credor em consequência de concreta diminuição de seu patrimônio e também pela cessação de lucros que normalmente deveria ter percebido. (FERREIRA, [s.d.], p. 1067)

⁶ Para maiores detalhes, ver as muitas pesquisas desenvolvidas no Grupo de Pesquisa e Estudos em Geografia da Infância. GRUPEGI/CNPq. Acesse em: <http://geografiadainfancia.blogspot.com/>

O vírus veio realizando uma devassa. Não fui privilegiada. Na minha família, ele entrou e interrompeu uma história de 84 anos de um homem: pai, avô e sogro. Sua perda começou com a morte física do seu corpo e se estendeu para uma ausência de toda uma narrativa, construída em torno de um espaço - cenário por anos - de histórias inteiras que se abrigaram ali, na casa onde vivia. Com o vírus se esvaíram os cheiros do café da tarde, a luz - tão específica de cada cômodo - o som da TV ligada, os almoços, os barulhos dos chinelos e do andador, as cores das paredes e dos quadros. Até a rua onde seu apartamento ficava passou a causar-me estranheza, e hoje, quase até sem pensar, desvio o carro e os passos, na tentativa de mantê-la ali, sem que haja interferências em minhas lembranças. Ainda vejo meu pai circulando pelo bairro, lendo seu jornal em uma manhã fresca, no banco do Jardim. O prédio e suas paredes continuam lá - naturalmente não foram afetados pela pandemia. Intactos em suas estruturas irão abrigar novas histórias e serão planos de outros convívios. A vida continua. A mim todo aquele contexto fala muito ainda, mas agora, de uma forma diferente, somente no horizonte de minhas memórias e recordações. (Comunicóloga, 26 de janeiro – 2022)

Como mencionado anteriormente, a vivência espacial tem sido nossa temática de estudos e pesquisas, a ela está associado o recorte da infância. Em nossos trabalhos, temos nos dedicado a compreender a espacialização da vida humana, sobretudo de bebês e crianças pequenas. Esse tem sido nosso ofício, como pode ser percebido em publicações anteriores (LOPES, 2020, 2021). Nossos esboços teóricos se fundamentam em autores que reconhecem a condição de humanização como um processo histórico [e geográfico]. Assim, são os postulados de L. S. Vigotski (1896-1934), A. R. Luria (1902-1977) e A. Leontiev (1903-1979), a conhecida *Troika*, criada no primeiro quartel do século XX, quando Vigotski, a convite, muda-se para Moscou e, lá, passa a assumir os trabalhos junto ao Instituto de Psicologia da Universidade de mesmo nome da cidade. Além desse grupo, outros também estão em nossas reflexões, como do Círculo de Bakhtin, formado por M. Bakhtin (1895-1975), V. Voloshinov (1895-1936) e P. Medvedev (1891-1938), pois suas escrituras nos remetem ao reconhecimento do ser humano como um ser de linguagem, cuja vida e consciência se formam na relação com o meio em que vivem.

Nesse sentido, usamos a expressão vivência espacial, a partir do que nos foi legado pelos postulados de Vigotski. A palavra vivência (*perejivanie*), como bem nos apontou Prestes (2012), sofreu diversas traduções:

E é esse termo *vivência* (em russo *perejivanie*) que tem um enorme significado para Vigotski. [...] Por ser *perejivanie* um conceito muito importante, qualquer tradução deve levar em conta o significado atribuído a essa palavra. Nesse sentido, é inconcebível que a mesma tradução apresente o termo *perejivanie* ora como emoção, ora como vivência, ora como sentimento [...] (PRESTES, 2012, p. 125)

Assumimos a vivência como sendo essa unidade que o ser humano – adultos, bebês e crianças – possui com o meio. Na fronteira entre o meio e as autorias infantis, as crianças e os bebês geram lógicas próprias (LOPES; MELLO, 2010) de se compreender no mundo e compreender o mundo. Assim, o vocábulo vivência não pode estar desacompanhado de outro, também forjado por Vigotski: o de

reelaboração criadora/criativa (*tvortcheskaia pererabotka*) e, claro, a de situação social de desenvolvimento. Pois o abandono dessa conjunção significa olhar para essa relação com uma perspectiva determinista (meio absoluto), de interação e internalização e não de enraizamento, que é um dos princípios que a Teoria Histórico-Cultural buscou desconstruir e sistematizar como uma forma outra de compreender o ser humano. Mesmo que as críticas traçadas por Leontiev (PRESTES, 2012) – sobre a incorporação da vivência como o conceito central para compreender o processo de humanização – apontem para a ideia de que Vigotski deveria ter focado não só as descrições do fato das diferenças entre as relações crianças e meio, mas se dedicar a “[...] desvendar de que forma e o que realmente define uma ou outra *perijivanie* da criança numa dada situação” (PRESTES, 2012, p. 127).

Reconhecemos que o valor da vivência está na produção do novo, do inexistido (LOPES, 2021), como a marca central da condição humana no mundo. E como as relações humanas (e o humano) se fazem em linguagens não esvaziadas de valores, a própria criação de um novo vocábulo ou a atribuição de um outro sentido aos que já existem, bastam para gestar o novo dito. O parto das palavras é feito assim. Dali, elas se tornam enunciados. A vida é um processo, por isso, não há como cristalizar a singularidade pessoal em uma única condição, esse é, para nós, o grande legado de Vigotski: a consciência e a personalidade que não se encapsulam nas falsas promessas históricas da identidade, mas da alteridade como instituinte do humano. Assim, a busca não é por um “marcador puro” que poderia ser universalizado como uma das balizas do humano, mas o reconhecimento das muitas vozes, das muitas linguagens que envolvem cada um em seus espaços e tempos e como, nessa relação, recriamos o herdado. A reelaboração criadora/criativa é a alteridade que gesta a vivência e, portanto, a personalidade em liames.

Eis o valor desses conceitos, que estão sempre em movimento, não no tempo linear, da caminhada da redenção futura, mas no confluir de temporalidades e espacialidades que se presentificam no arfar do enunciado sentido como o momento, que traz a sensação da permanência do instante vivido. Por isso, **vivência e vivido**, por mais que sejam vocábulos próximos, guardam profundas diferenças, o primeiro está envolto na alteridade e o segundo na identidade. Ao primeiro, Vigotski (2006) nos legou outro conceito chave: o de situação social do desenvolvimento. Os alinhavos entre essas expressões forjam a vida em unidade e deslocam o viver para a relação e não para o encerramento no interior solitário do ser e de ser humano. O *afecto spinozista* (SPINOZA, 2009) pronuncia-se de forma declarante nas escolhas do teórico bielorrusso.

Ao falamos em vivência espacial, falamos nessa perspectiva, pois o que nos interessa é a gênese

desse espaço no ser humano, a sua origem nessas forjas da alteridade, que se faz, simultaneamente, na fronteira entre cada um de nós, de nossa condição autoral, de nossos planos sociais e pessoais, dos *afectos*(SPINOZA, 2009) que se espraiam. Como o corpo humano não suporta o humano – é uma de suas configurações –, estamos para sempre além dele, arraigado no meio, onde está também o espaço e seus objetos materiais e simbólicos. Esses muitos instrumentos que fomos elaborando, ensinando e aprendendo ao longo da filogênese, mais um grande postulado do legado vigotskiano, muitas vezes esquecido por aqueles que se dedicam a estudar essa teoria e encerram a vida no solitário. Mesmo os mais solitários nunca estão sozinhos.

A topogênese é nossa busca, pois cada vida humana, ao se espacializar, urde o espaço, urde a vida do outro e a própria vida nesse espaço, prenho de artefatos sociais que se fazem em cultura. É a constância do [con]viver e do [co]existir. Por isso, a amorosidade espacial e a justiça existencial se fazem presentes nesse imbricar, não queremos o espelho que reflete, mas a refração do escudo de Teseu (CALVINO, 1990). A imitação como a beleza humana da imaginação. Criação e transformação (VIGOTSKI, 2006).

A vivência espacial é a similitude do movimento, do processo e, sobretudo, da vida em inacabamento e em sua constante ilusão de acabamento. É a expressão do que anunciamos em contra resposta ao dado (o que cria a sensação de acabamento). A exterioridade das vozes sociais permanece perene em nossas fronteiras no mundo (o que força a certeza do inacabamento). Assim, como todos os artefatos culturais que ao mesmo tempo nos expande para além de nós, cria o contido, mesmo que fluído, em nós.

O espaço geográfico, como uma das dimensões do humano, está nesse processo. De forma geral, a concepção de espaço geográfico é essa unidade entre sociedade e natureza, em que o ser humano – ao recriar o espaço pelo trabalho, pela atividade socialmente instituída e construída em forma de relações entre pessoas – está também se transformando. O espaço geográfico surge concomitantemente com os processos de humanização. Um se imbrica ao (e no) outro. Por isso, esse conceito criado por Vigotski, para nós, é de um valor inestimável, o espaço e todas as suas formas, objetos, sua materialidade física e simbólica é linguagem e, como linguagem, é carregada de valor. Não existe um espaço educador (como tem sido comum em algumas narrativas educacionais) fora das relações axiológicas daqueles que o habitam, pois, qualquer espaço, mesmo no presente, é marcado pelas camadas arqueológicas (SANTOS, 1996) que o forjaram. É assim que chegamos não no espaço que educa no sentido clássico da perspectiva determinista, que o cria como um ente autônomo e isolado no

mundo, mas ao espaço que permite a unidade e a expressão de inacabamento no mundo, onde as forças da alteridade se confluem em robustezes de valores.

É nesse processo – em que a fala do outro tem uma competência valiosa – que nossos bebês e crianças chegam ao mundo. Espaço herdado das condições geracionais anteriores e sistematizado por suas diferenças e contradições. É nesse espaço que a vida se trama e que a vivências e estabelece, por isso, ao falarmos na vivência espacial, não estamos querendo reduzir esse conceito, mas olhar para uma dessas facetas que ele abriga (a da topogênese). Todo espaço é origem.

É assim, gestando valores, significados e constituindo nossa consciência de mundo e da nossa pessoa no mundo, que espaço e infância se encontram e também se tornam perenes mesmo na vida adulta, em forma de memórias, sentimentos e emoções, em formas de habitações. Espaço é vida na diferença do viver. É, nessas diferenças, que há os espaços das crianças, vivenciados por suas geografias, mas há os espaços de infância, vivenciados, ainda, na condição de adulto. E em um texto como este, que tratamos dessa íntima relação, em que o encontro não se encerra no interior daqueles que o vivem, mas nas constantes fronteiras com o meio, faz-se necessário, pensar na infância em sua condição ontológica e não nos recortes etários. Por isso, a idade dos que estão aqui conosco foram abandonadas, com o desejo de que o leitor possa ir além dessa cronologia, tão presente em nossas pesquisas, e reconhecer o espaço como vivência.

E, aqui, caberia perguntar: se espaço é vida, o que significa a perda desses espaços na vida? A resposta parece óbvia, já está inclusa na pergunta. Mas, serão as enunciações que chegaram até nós que trarão os indícios das réplicas.

E por isso as transcrevemos como recebemos ou como outros as receberam antes de nós. Abrimos mão de traçar, a partir delas, qualquer condição interpretativa, pois as narrativas têm, por elas próprias, as condições de compreensão, sabemos que muitas explanações apresentam um valor muito maior que os longos tratados acadêmicos. E, ao tomar essa decisão, tentamos nos aproximar de uma postura romântica de ciência, como Luria entendia e defendia (LURIA, 2015), que consiste em não reduzir a existência para transformá-la em ciência, não fragmentá-la para convertê-la em pesquisa. Mesmo sabendo que isso é, em algum sentido, impossível, é ao encontro dessa vontade que nosso desejo se move: de olhar para a vida e tentar trazê-la inteira para este texto. Ao trazermos as narrativas e ao não tentarmos analisá-las, nosso desejo é, enfim, preservar a “riqueza da realidade viva” (LURIA, 2015, p. 189).

Vamos a elas, caminhando pelas infâncias do sul, das crianças e dos adultos:

La escuela es un lugar de esperanza. Extraño la escuela, en la casa mi mamá se desespera cuando hacemos las tareas, se enoja y me pega con el cinturón. Veo a la escuela como un espacio de libertad, por eso dibujo un corazón. Me gusta el camino de la escuela porque veo el paisaje; mi maestra me pregunta cómo estoy. Emmanuel, San Juan, Bautista Tuxtepec, Oaxaca. (MELGAREJO; LINARES, 2021, p. 98).

Figura 2
Desenho de Emmanuel, San Juan, Bautista Tuxtepec, Oaxaca



Fonte: (MELGAREJO; LINARES, 2021, p. 98)

Me provoca tristeza porque no puedo ir a la escuela y ver a mis amigos o jugar con ellos como lo hacía antes... también me siento triste de repente porque extraño salir con mi familia al cine o tomar un helado mientras platicamos sobre muchas cosas. Paola, alcaldía Álvaro, Obregón, Cidade do México. (MELGAREJO; LINARES, 2021, p. 85)

Figura 3
Desenho de Paola, alcaldía Álvaro, Obregón, Cidade do México



Fonte: (MELGAREJO; LINARES, 2021, p. 85)

Mi vida era muy feliz porque podía ir al cine, a comer Mc Donalds, comía en Kentucky, podía ir ala feria, podía ir ala alberca, ir al parque, podía ver a mis abuelitos, a los que extraño mucho pero no pueden venir, pero sobre todo, podía ir todos los días a la escuela. Yo he estado feliz porque tengo comida, salud, mi familia, tengo con qué entretenerme y me divierto con mi mami. Ángel Manuel,Veracruz. (MELGAREJO; LINARES, 2021, p. 91)

Figura 4 - Desenho de Ángel Manuel, Veracruz



Fonte: (MELGAREJO; LINARES, 2021, p. 91)

Também sentimos saudades dos lugares, que é “[...] intensa no humano, é cisão com terrenos vazios no presente, mas prenhos de vida no passado. [...] A saudade de lugar é uma das doenças que acomete muitos de nós, está entre as muitas doenças geográficas [...]. Mas é uma doença que aponta para o futuro, para o ser desejanter que somos” (LOPES, 2021, p. 45).

Órfãos de Espaço

Como expresso, há muitas formas de se tornar órfãos de espaços. Se a origem deste trabalho começou por uma narrativa oriunda da perda gerada pela atual Pandemia de Covid-19, nesta última parte, acabamos indo além dela. Como últimos relatos, escolhemos mais duas, que merecem ser transcritas e vividas, pois como já apontamos anteriormente, a palavra dita tem o impulso da criação, agência em fazer vivências espaciais para aqueles que não as viveram de perto, reconhecemos as texturas diferentes que formam essas vivências, mas elas também não podem e não devem ser universalizadas, pois se assim o fossem, perderiam a essência desse vocábulo que é sempre liame.

Transcrevemos:

Descendo de negros africanos que se protegeram da violência da escravidão no isolamento de Mata Seca, região do Rio Peruaçu, norte de Minas Gerais. Agricultores, pescadores, artesãos e comerciantes por excelência, retiraram da força de seus espíritos, da preservação das tradições ancestrais africanas, da destreza de suas mãos, assim como do profundo conhecimento que possuíam de si mesmos e da natureza, os recursos que os possibilitaram cuidar de si, dos seus e da natureza por gerações. Ao som de instrumentos ancestrais, nossos velhos e velhas contavam histórias e mais histórias... Falavam das Grandes Rochas, da Floresta Sagrada, das aventuras dos nossos antepassados em uma terra mágica do outro lado das Grandes Águas... Ora eram rodas para a cura, reequilíbrio e harmonização de pessoas, de animais, plantas, da terra, da aldeia... Ora eram para diversão, quando cantávamos, dançávamos e contávamos histórias, ora eram para discutirmos medidas de segurança para a aldeia e, quase sempre, migrávamos de um propósito ao outro sem o menor aviso prévio. Tudo era celebrado e chorado na roda... Nós, crianças, participávamos de qualquer roda que o nosso interesse e/ou nosso sono nos permitisse participar. Aprendíamos na sabedoria da natureza, valores e princípios que suleariam nossas vidas adultas. Crescemos imbuídos na noção de respeito, pois o sofrimento de um era o sofrimento de todos e a vitória de um era a vitória de todos. Nossos velhos eram cuidados e respeitados, reverenciados pela sabedoria que acumularam ao longo de uma vida. Mas numa noite, num silêncio antinatural que prenuncia negras tempestades, os raios caíram sobre nossa aldeia derrubando tudo a nossa volta, raios que não caíam dos céus, mas das mãos dos homens. E num piscar de olhos vimos nossos gigantes baobás tombarem e penetrarem para sempre as paredes das Grandes Rochas. Das centenas, apenas quinze seguiram. Partimos, feridos e entorpecidos como num pesadelo ruim, vislumbramos rostos e realidades confusas e distorcidas se sucedem umas às outras. Inadequação, incompreensão e revolta alimentaram nossas vivências por anos sem fim. Lutamos e abrigados pelas Grandes Rochas que ainda lá estão, conseguimos manter vivas em nós as palavras e as sabedorias de nossos ancestrais. Hoje, desses quinze, resta uma. (Produtora cultura - narrativa escrita entre 2021 e 2022)

“As marcas de espaços e tempos ocupados em qualquer passado se renovam constantemente em nós mesmos e nas relações que estabelecemos com o outro. São evocações de outros tempos que se

tornam presentes [...] e, com suas forças, interpelam o futuro a ser construído e elaborado” (LOPES, 2021, p. 149).

Sobre perdas

Às vezes, o que nos acontece e consideramos perda se metamorfoseia em processos de renovação. Revisitando minhas vivências espaciais [...], em abril de 1964, motivados pelo golpe militar, a minha família foi ameaçada de morte. Morávamos num sítio em Mandacaru, Pernambuco, e, após o atentado ao meu pai, que atuava nas lutas sociais pela regulamentação do sindicato rural, e o incêndio criminoso de nossa casa de farinha, não nos restava outra opção senão deixarmos aquele lugar em que nasci e nos mudarmos para a cidade de Gravatá, recomeçando com muita precariedade a vida. A cidade, enquanto paisagem do capital, carimba a exclusão social e pelos olhos da infância não entendia as discrepâncias que se apresentavam naquele momento, apenas vivenciei o novo lugar as novas paisagens com a intensidade poética de crianças e com a ação carinhosa de minha mãe que sempre acreditou em dias menos difíceis. (Professor – 25 de janeiro de 2022)

Nas seções anteriores deste material, trouxemos epígrafes retiradas de um clássico dicionário brasileiro, o primeiro verbete refere-se à palavra órfão e, o segundo, à palavra perda, após tudo que foi escrito, pensamos ser necessário inserir algo mais em suas definições, por isso, não abrimos esse último segmento do texto com uma terceira epígrafe, mas gostaríamos de fechá-lo, replicando as anteriores e as ampliando:

Órfão. [Do gr. Orphanós, pelo lat. Orphanu.] Adj. **1.** Que perdeu seus pais ou um deles. **2.** Que perdeu um protetor. **3.** Fig. Abandonado, desamparado, privado: órfão de carinhos. **4.** Fig. Desprovido, falto: órfão de um bom senso. S.m. **5.** Aquele que ficou órfão. [Flex.: órfã, órfãos, órfãs.]. **[6. Que perdeu um espaço geográfico em sua vida].** (FERREIRA, [s.d.], p. 1005).

Perda(ê). [Do lat. perdita, ‘perdida’, atr. de uma f. erudita *perdeda, com haplogogia.] S.f. **1.** Ato ou efeito de perder. **2.** Privação de alguma coisa que se possuía: perda de fortuna, de propriedade. **3.** Privação de presença de alguém; ausência, falta, desaparecimento: a perda de um colaborador, de um chefe. **4.** P. ext. Morte, falecimento, desaparecimento: Doeu-lhe fundo a perda do amigo. **5.** Extravio, sumiço: a perda de documentos de uma quantia. **6.** Destruição, ruína, aniquilamento: a perda de vida material. **7.** O ato ou fato de deixar de ganhar: a perda de uma batalha, de um jogo, de uma oportunidade. **8.** Decréscimo, diminuição: perda de velocidade, de altura. **9.** Danação, perdição: a perda de uma alma. [Sin. (nessas acepç.): perdida]. **10.** Av. e Aerom. Estol. **11.** Perdas e danos. Prejuízos sofridos pelo credor em consequência de concreta diminuição de seu patrimônio e também pela cessação de lucros que normalmente deveria ter percebido. **[11. Perda ou privação de um espaço da vida].** (FERREIRA, [s.d.], p. 1067)

Referências

BRASIL registra 2.207 mortes em 24 horas; média móvel volta a bater recorde. **G1**, p. 1, 11 mar. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2022.

BRASIL registra mais de 110 mil novos casos conhecidos de Covid e 238 mortes em 1 dia. **G1**, p.1, 14 jan. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/coronavirus/noticia/2022/01/14/brasil-registra-mais-de-110-mil-novos-casos-conhecidos-de-covid-e-238-mortes-em-1-dia.ghtml>. Acesso em: 15 jan. 2022.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**: lições americanas. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CASOS de Covid-19 no mundo sobem 55%: OMS recomenda adaptação das vacinas. **ONU News**, p. 1, 12 jan. 2022. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2022/01/1776182>. Acesso em: 15 jan. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da Língua Portuguesa**. 15. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, [s.d.].

LOPES, Jader Janer Moreira. "Um dinossauro faminto, um adulto e uma criança: o espaço e as geografias do viver". In: MORO, C.; Baldez, Eitene. **EnLacES no debate sobre Infância e Educação Infantil**. Curitiba: NEPIE/UFPR. 2020

LOPES, Jader Janer Moreira. **Terreno Baldio** – um livro para balbuciar e criar os espaços para desacostumar geografias, por uma teoria sobre a espacialização da vida de bebês e crianças. São Carlos: Pedro e João Editores. 2021

LOPES, Jader Janer Moreira; VASCONCELLOS, Tânia de. **Geografia da Infância**: reflexões sobre uma área de pesquisas e estudos. Juiz de Fora: FEME, 2005.

LOPES, Jader Janer Moreira; MELLO, Marisol Barenco de. (Orgs.). **O jeito de que nós crianças pensamos sobre certas coisas**. Rio de Janeiro: Rovel, 2010.

LURIA, Alexander Romanovich. **A construção da mente**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 2015.

MELGAREJO, Patricia Medina; LINARES, Roberto Sánchez. **Infancias, voces y esperanzas ante el confinamiento del Covid-19 en México**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. Disponível em: <https://www.cencos22oaxaca.org/wp-content/uploads/2021/02/EbookPatriciaMexico7-1.pdf>. Acesso em: 17 jan. 2022.

PRESTES, Zoia. **Quando não é quase a mesma coisa** - traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil. Rio de Janeiro: Autores Associados, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. Técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SOUZA, Carolina Silva Gomes de. **Uma piscina que virou bolo**: cartografias criancieiras e vivências espaciais na infância. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2021.

SPINOZA. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovitch. **Obras escogidas**. Tomo IV. Madrid: Visor y A. Machado Libros, 2006.